

# **NOVAS LINGUAGENS NO ENSINO DE HISTÓRIA: A MÚSICA COMO RECURSO DIDÁTICO**

José Edson da Costa Barbosa – UEPB

Graduando em História.

Pesquisador e extensionista do PROBEX

## **Resumo**

O presente trabalho tem por objetivo mostrar a utilização da música no ensino de História no contexto da renovação das práticas de ensino em sala de aula, demonstrando a importância do uso das inovações metodológicas, que se possa compreender a História como sendo algo formador de cidadãos capazes de ver o mundo como um conjunto de múltiplas memórias e experiências humanas. Neste trabalho foi abordado o processo de mudança no ensino de História no Brasil nas décadas de 70, 80 e 90, as novas propostas metodológicas nas abordagens históricas e a música como nova linguagem e como recurso didático. Este trabalho teve suas bases a partir de pesquisa em livros e artigos que falam sobre esta temática, bem como, professores que contribuíram para seu desenvolvimento. A contribuição deste trabalho se dá no sentido de possibilitar ao professor novas formas de se trabalhar as temáticas históricas em sala de aula, podendo assim desconstruir a visão estereotipada que se tem de vários gêneros, como por exemplo: o negro e a mulher. Para isto a música surge como exemplo de nova linguagem e pensada como documento cultural que carrega marcas e características de seu tempo. Por tanto, as novas linguagens na escola como a música, dar oportunidades aos alunos não só de aprender música, mas também de contribuir para a formação de cidadãos histórico, requerendo também a inclusão dela na sociedade e sua liberdade de expressão.

Palavras-chave: Música, ensino de história, novas linguagens

## **Inovações no ensino de História no Brasil**

No ensino da História é atribuído o papel de formar cidadão que, dentre outras características, seja capaz de compreender a história do País e do mundo como um conjunto de múltiplas memórias e de experiências humanas. Segundo Pacheco (2005. P.57) “a política educativa corresponde ao conjunto de decisões oriundas do sistema político, englobando as intenções e estratégias definidas por critérios ideológicos”.

No Brasil a diversidade cultural é a idéia central para a formação das identidades das novas gerações e das finalidades do ensino da História . Esta perspectiva sintoniza-se com o que tem animado as atuais produções historiográficas e as muitas das inovações no ensino de História no Brasil. Uma das questões que mais tem desafiado os professores de História engajados em processos de mudanças curriculares e de suas práticas de sala de aula é a de criar as condições para que os alunos elaborem novos sentidos e significados para estudo da História. (PACHECO, 2005.P.61) “ O currículo é, antes de mais um projeto de escolarização que reflete a concepção de conhecimento e a função cultural da escola”

De acordo com a abordagem tradicional da História, percebemos o ensino de história como o estudo do passado ou como memorização de fatos e datas dos principais acontecimentos, em geral de ordem política, militar ou diplomática dos países. Essa representação da história funciona como um dos obstáculos ao processo de ensino aprendizagem da História, e além dessa representação da história e do seu ensino podemos assinalar um outro desafio, o processo de esquecimento do passado que pode comprometer o desenvolvimento da noção de temporalidade histórica, pois essa depende da aquisição do sentido do tempo.

O modelo tradicional tem se caracterizado pela transmissão de conhecimentos apresentados ao aluno como verdades inquestionáveis e pela hierarquização expressa, tanto na valorização/desvalorização das diferentes disciplinas, quanto na desvalorização do saber do aluno e da sua realidade. (SONIA NIKITIUK, 2001.P.69).

No Brasil na década de 70, os movimentos populares se posicionavam dando força ao andamento das reformas, essa expressão era ligada ao crescimento das associações de historiadores, como a ANPUH e de outros locais de discussão e produção histórica. Foi nesse mesmo ano que o ensino de história centrou-se na concepção de que o desenvolvimento histórico é resultado natural de seu processo.

Na análise da história a partir da década de 80, subverteu esse modelo, abrindo campo da explicação social para uma visão da totalidade histórica. Sob influência do Marxismo, da Nova História e da Historiografia Inglesa. Alguns livros didáticos foram

renovados, e outros apereciam como modelos avanços que contribuíram para a retomada da disciplina de história como espaço para um ensino crítico, objetivando a recuperação do aluno como sujeito da história e não como mero expectador de uma história já determinada.

Os anos 80 são marcados por discussões e propostas de mudanças no ensino de história. Resgatar o papel da História no currículo passa a ser tarefa primordial de vários anos em que o livro didático assumiu a forma curricular, tornando-se quase fonte indispensável para o processo de ensino aprendizagem no Brasil

Nessa mesma década a pesquisa incide sobre o livro didático e começam os primeiros trabalhos sobre o currículo. Houve a introdução de novos sujeitos sociais, que antes eram considerados insignificantes, a exemplo do negro e da mulher.

Este processo de mudança foi muito importante porque pode se constatar a ampliação das temáticas a serem observadas e analisadas como objeto de estudo, descartando também a abertura para possibilidades de novos documentos não se restringindo somente a escritos, visto que a historiografia brasileira anterior a década de 80 era positivista, voltada para os grandes heróis, para os considerados registros oficiais.

Nos anos 80 e, especialmente, nos anos 90, são fortalecidos os estudos sobre o multiculturalismo em decorrência da ampliação da influencia pós-moderna no discurso curricular, que valorizava a mistura e o hibridismo de cultura, a pluralidade e as diferenças culturais. (ALBUQUERQUE. E LIMA BRANDIN, 2008. P. 58)

Nos anos 90 com os debates sobre a renovação curricular, os Parâmetros cumprem o duplo papel de difundir os princípios da reforma curricular e orientar o professor na busca de novas abordagens e metodologias. Os anos 90 foram marcados pela busca de novos enfoques e paradigmas para a compreensão da prática docente e dos saberes dos professores embora tais temáticas ainda sejam pouco valorizadas nas investigações e nos programas de formação de professores. Desta forma ensinar história significa dar sentido a prática cotidiana dos indivíduos na perspectiva de uma análise mais crítica e reflexiva da história.

## **As novas propostas metodológicas nas abordagens históricas e a música como nova linguagem**

Foi a partir da Escola dos Annales por volta da segunda década do século XX que a utilização de novas linguagens na pesquisa historiográfica emerge, deixando de lado uma concepção científica do conhecimento tida como algo neutro e objetivo. Portanto, foi com a Escola dos Annales que surgiram novas propostas teórico-metodológicas nas abordagens históricas, abrindo grandes possibilidades de análise dos documentos que antes era bastante restrita.

Mesmo com a utilização de novas linguagens devemos lembrar que nenhum documento é neutro, existe a necessidade de interrogá-los e não vê-los como verdade absoluta. O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de força que detinham o poder.

O documento é antes de mais nada uma montagem consciente ou inconsciente da história da época da sociedade que o produziram, é também uma coisa que fica e que dura por vários séculos. E pensada como documento, a música é por tanto um exemplo de nova linguagem no ensino de História que carrega marcas e características de seu tempo.

Partindo para a discussão dessa fonte enquanto alternativa didática, a música transforma-se em recurso didático na medida em que são chamadas para responder perguntas adequadas aos objetivos da História. Um desses objetivos é o de promover o desenvolvimento da consciência histórica a partir do processo de transformação de conceitos espontâneos em conceitos científicos.

Partindo disso, percebemos que as produções que analisam as novas linguagens especificamente a música, priorizam o ponto de vista do ensino, e são de grande importância para a formação do professor na prática do mesmo em sala de aula. Mas nos resta saber: como o aluno pode processar essas informações dadas pela música e as utilizar no desenvolvimento de sua consciência e na construção de seu conhecimento histórico?

O aluno de modo em que a música é utilizada, pode se identificar com o assunto, e conseqüentemente transformar seus conceitos espontâneos em conceitos científicos. A análise da música pode e deve ter uma relação do meio social com a sua

capacidade de representação, ou seja, quando o indivíduo se depara com uma determinada música fará uma representação daquilo que estará ligada ao seu contexto social. No entanto um tipo de música na aula de História que possui significado para o aluno facilitará sua aprendizagem. Fica claro então que é necessário conhecer o aluno, e suas formas de representação da realidade para efetivamente possibilitar que ele construa seu conhecimento histórico.

A música é um importante instrumento para contribuição no desenvolvimento do conhecimento histórico do aluno. “O multiculturalismo crítico, a linguagem e as representações (raça, classe, gênero) assumem um papel central na construção da identidade” (ALBUQUERQUE. E LIMA BRANDIN, 2008. P.63) Podemos então afirmar que construções realizadas sob a influência da sociedade em que se vive se constituem em símbolos que expressam a cultura e a consciência dessa mesma sociedade. Por tanto a música como documento histórico possui significações e testemunhos conscientes ou inconscientes que podem e devem ser usados no ensino de História. E vale ressaltar que não devemos utiliza-la apenas como ilustração, mas também no contexto da renovação das práticas de ensino em sala de aula.

### **A música como objeto da cultura e como recurso didático**

Pesquisadores, sobretudo no campo da história do Brasil, ainda não conseguem enfrentar o problema de alguns seguimentos da nossa sociedade. Existem situações em que nossos olhares se fecham para alguns segmentos da sociedade, como por exemplo, ver o negro como personagem significativo e construtor da história do Brasil. A imagem do negro é associada a idéia de escravidão e de trabalho braçal e se deixa de lado a idéia de seres humanos portadores de uma grande diversidade cultural portador de novos pensamentos, e organizador de um modelo de política alternativa transformador. Hobsbawm (1995) fala que é inevitável que nos situemos no continuum de nossa própria existência da família e do grupo a que pertencemos, existindo grandes relações entre passado presente e futuro.

O livro didático é um dos instrumentos utilizado pela escola que é responsável pela transmissão de conteúdos estereotipados sobre a imagem do negro e fará a mediação

entre o aluno com a imagem mantendo uma relação complexa Bitencourt (2002) explica que o livro didático é um importante portador de um sistema de valores, de uma ideologia, de uma cultura. Por tanto, percebe-se que textos e obras nos livros didáticas transmitem estereótipos generalizando temas de acordo com a visão eurocêntrica.

A música como objeto da cultura é repleta de historicidade. Dessa forma, sua utilização como recurso didático pode desconstruir os estereótipos utilizados em varios seguimentos como por exemplo raça e gênero. Na medida em que a música possibilita o desenvolvimento da interpretação de contextos se abri um campo fértil para realizações do meio em que vivem, articulando ainda os conhecimentos entre a música e a História.

A musica pode estar relacionado tanto a acontecimentos breves como um evento social, quanto às diversas conjunturas de ordem política ou econômica ao longo do tempo. Exemplo disso são as canções produzidas durante a ditadura militar no Brasi entre 1964 a 1985. Elas além de ressaltar de luta em torno da questão da anistia política se inserem em determinada estrutura político-econômica de forma mais ampla, abrangem também questões relacionadas as manifestações simbólicas dos seres humanos no tempo

A utilização da música em sala de aula aponta também para a necessidade de preservação do Patrimônio Cultural da humanidade. O debate sobre a memória compreende questões muito pertinentes como as formas estabelecidas ao longo do tempo pelas sociedades humanas para a preservação do acervo cultural.

Um exemplo de música ideal para se trabalhar na aulas de História dentre muitos outras é a música ‘Inclassificáveis’ de Arnaldo Antunes que trata de um tema muito conhecido de todos nós: a formação do povo brasileiro.

O compositor faz referências as novas raças que surgem a partir dos três povos:

- O mulato, mistura de branco com negro
- O cafuzo, mestiço de negro com índio
- E o mameluco, mistura de índio com branco

Ele faz um jogo poético no qual diferentes etnias se mesclam, formando neologismos que criam palavras e povos surgem então crilouros, guaranisseis e judárabes.

Seu objetivo não é problematizar as tensões geradas no contato entre índios, portugueses e negros, mas sim ressaltar a diversidade humana para mostrar que alguns

preconceitos direcionados para algumas etnias não se justificam, pois somos Inclassificáveis.

Como podemos ver as possibilidades da música como recurso didático no ensino de história são ricas e variadas, abordando questões que vão dos conceitos elementares pertinentes à disciplina até os aspectos mais gerais da educação escolar como a formação para a cidadania.

“A própria necessidade de liberdade é funcionalizada e reproduzida pelo comércio[...]as pessoas não percebem o quanto não são livres lá onde mais livres se sentem, porque a regra de tal ausência de liberdade foi abstraída delas”.(ADORNO, 1995,P.108)

A música na escola dar oportunidades aos alunos não só de aprender música, mas também de contribuir para a formação de cidadãos histórico, requer também a inclusão dela na sociedade e sua liberdade de expressão.

## **Conclusão**

Através deste trabalho percebemos que a história bem como a música faz parte do cotidiano da maioria das pessoas, desde aquelas com alto nível de instrução até as que não tiveram a oportunidade de estudar.

Segundo Schafer (2001, P.23) “a música é um indicador da época, revelando, para os que sabem como ler suas mensagens sintomáticas, um modo de reordenar acontecimentos sociais e mesmo políticos”. Muitas vezes ela é a única forma de expressão artística com a qual os alunos têm ou tiveram contato ao longo da vida. Ainda que não dominem formalmente os conceitos e componentes da linguagem musical, eles são capazes certamente de identificar, por exemplo, que uma determinada canção foi feita para um determinado contexto observando o seu ritmo.

Desta forma, o professor de história, obviamente, tem o papel de situar os alunos a respeito dos elementos pertinentes à análise histórica, ou ressaltar questões ligadas ao contexto histórico. Os agentes históricos envolvidos no processo, bem como as motivações implícitas e explícitas presentes na inovação do ensino nos ensinam muitas

coisas relevantes de forma didática, e muitas delas formam boa parte de nosso caráter, mesmo que não percebamos, pois atingem nosso inconsciente.

## **Bibliografia**

BITENCOURT, Circe. **A importância do livro didático**. Curitiba: Moderna, 2002.

HOBSBAWM, ERIC J. **Era dos Extremos: o breve século XX, 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PACHECO, J. A. **Escritos curriculares** . São Paulo. Cortez. v.3, n.1 2005

SCHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo**. Tradução de Marisa Trench de O. Fonterrada. São Paulo: Editora UNESP, 2001. P.23

SILVA E ALBUQUERQUE. E LIMA BRANDIN, **Multiculturalismo e educação da diversidade cultural** : Diversa 2008. P. 58

NIKITIUK, Sonia M. Leite (org). **Repensando o ensino da história**. São Paulo: Cortez, 2001. P.69